

O Convento do Santíssimo Coração de Jesus

Observância e desvios à regra

Sandra Ferreira Costa

Papel estruturador da regra nos conventos de Carmelitas Descalças

A propósito da arquitectura monástica em geral, Braunfels diz: *The monks loved their home. But they never spoke of it*¹. Efectivamente, também a regra não refere explicitamente o modo como os conventos devem ser construídos. Todavia, ao abordar medidas que assegurem a clausura, pobreza e sobriedade, insinua ou sugere algumas normas construtivas. Os princípios delineadores detectados na regra concentram-se, essencialmente, na vida dentro dos edifícios e não tanto nos edifícios enquanto objectos arquitectónicos. São referidos aspectos da vida quotidiana, como orações, tarefas, refeições ou deveres, enquanto que as especificações construtivas só casualmente são mencionadas.

Estabelecendo uma total ruptura com o mundo exterior, as carmelitas descalças deviam procurar o desprendimento dos valores materiais e viver exclusivamente para Deus. Nesse contexto, a clausura torna-se numa das notas mais características das comunidades e fundamental para a compreensão da vivência desta ordem religiosa, num mundo fechado e silencioso, vocacionado para a contemplação, meditação e oração.

Sendo claro que a regra estabelece os princípios básicos da vida comunitária e orienta as religiosas, consequentemente, define a própria organização arquitectónica e estrutura funcional do convento. O modo de vida da ordem está, assim, intrinsecamente

associado à arquitectura, na medida em que reflecte o espírito da regra em função dos diferentes preceitos conventuais a que é necessário atender.

Desempenhando um papel estruturador ao nível das várias determinações da ordem, a arquitectura expressa-se na vida das religiosas de diferentes maneiras. É a distribuição espacial que permite estruturar actividades fundamentais, de assembleia e organização, segundo as quais a comunidade se manifesta. Por forma a que a regra seja observada de um modo funcional, e pela necessidade de adequar a estrutura do convento às obrigações diárias, os edifícios acabam por se revelar como uma interpretação da mesma, estabelecendo uma clara relação entre forma e função.

Segundo Kees Waajjman, possuir uma casa ou uma cela só tem sentido se se permanecer nela, pelo que a percepção espacial da arquitectura só é possível através da sua fruição². É a permanência na solidão dos espaços que permite alcançar alguns dos princípios básicos consagrados na regra, designadamente interiorização através do retiro, ou no contexto arquitectónico, através da fruição, preconizando atitudes de silêncio, oração e humildade.

Recorrendo uma vez mais a Braunfels – *The perfect life called for the perfect monastery*³ – a estrutura espacial do convento só cumpre a sua finalidade se estiver em conformidade com a organização da comunidade, pois da sua eficaz combinação resultará o convento ideal.

(In)Observância no convento do Santíssimo Coração de Jesus

A interpretação espacial, ainda que seja um dos mais legítimos valores arquitectónicos, nem sempre é suficiente para definir uma obra. A realidade do edifício é consequência de uma multiplicidade de valores a ele associados, designadamente fenómenos históricos e experiências sociais, que acrescentam também algo à sua arquitectura.

No caso concreto da Estrela, são efectivamente esses valores que prevalecem em detrimento da regra e permitem compreender algumas opções construtivas. Tal como noutros edifícios, a traça do convento do Santíssimo Coração de Jesus revela marcas profundas que reflectem os ideais de uma sociedade. D. Maria I, empenhada em promover o culto do Coração de Jesus na basílica que lhe consagrou, fundou um convento que doou às monjas de Carnide. Todavia, o patrocínio régio determinou imposições que modificaram irremediavelmente os hábitos carmelitas das religiosas da Estrela, pois à luz da fundação real foram violados procedimentos quotidianos, administrativos e religiosos.

Esta ideia expressa-a a irmã Maria do Carmo do Coração de Jesus quando alude à entrada das primeiras freiras. Rodeadas de grande aparato e aplausos, sentiam porém que algo lhes faltava, indispensável para a vida comunitária e pessoal⁴. De facto, se o sentiram, logo tentaram remediá-lo. Contudo, factores vários impediram que se consumasse uma vida de clausura e pobreza.

Segundo Fortunato de Almeida, a construção do convento da Estrela, terá sido o mais notável acontecimento da reforma teresiana em Portugal⁵. Afastando-se claramente dos edifícios carmelitas anteriormente construídos na cidade de Lisboa, é verdadeiramente invulgar na medida em que, sendo de iniciativa e patrocínio régios, ultrapassa a linguagem comum da arquitectura cenobítica.

Noutros conventos da reforma teresiana, o mais frequente era que fossem construídos proporcionalmente ao volume das esmolas e dotes das religiosas, ao que acrescia uma renda anual, instituída pelo fundador, mas que era na maioria das vezes manifestamente insuficiente para o sustento e manutenção dos conventos. Noutros casos, eram edificadas em função dos rendimentos do fundador que, mais do que doador, era a sua principal fonte de rendimento.

No caso da Estrela verifica-se uma situação algo diferente, mas sobretudo que não vai ao encontro da regra carmelita. Anos antes das primeiras freiras darem entrada no convento já a rainha começava a dotar as futuras ocupantes, por forma a assegurar a subsistência do novo carmelito enquanto não houvesse uma cedência mais ampla. Assim, em Fevereiro de 1781, é-lhes feita a doação perpétua do convento e igreja. O documento régio revela cláusulas e condições das quais se destaca o facto de nenhuma das religiosas poder dar dote, mas somente 200 mil réis para enxoval e comedoria e 100 mil réis de esmola, tudo de uma só vez⁶.

O documento da fundação do convento esclarece ainda que competia à rainha, pelas suas qualidades de dotadora e fundadora, a (...) *plena disposição e aplicação dos Edifícios do dito Convento e sua Igreja (...)* [bem como] *determinar a forma do Seu interior, e exterior governo (...)*⁷. Por seu turno, a regra carmelita recomenda que haja o maior cuidado no cumprimento de todos os aspectos estabelecidos sobre os edifícios, determinando que devem ser construídos segundo plantas aprovadas pelo definitório e atender, unicamente, a aspectos essenciais, evitando tudo o que for supérfluo⁸.

O convento e a basílica do Santíssimo Coração de Jesus foram executados pela Inspecção das Obras Públicas sob fiscalização de Anselmo José da Cruz Sobral, a quem se deve (...) *a brevidade com que se fez esta obra, e a sua perfeição (...)*⁹, tendo-se entrado (...) *com a caixa do convento por direcção e planta do Sargento Mór Matheus Vicente d'Oliveira, que aprovou Sua Magestade, e aceitou em nome da Religião o Reverendíssimo Padre Mestre Geral (...)*¹⁰. Segundo a irmã Maria do Carmo, circunstâncias várias terão contribuído para a aceitação de uma fundação real¹¹. Reconhece que, quando se edificou o convento, houve, na direcção da arquitectura, alterações à regra remediadas com despesas imensas e com a tolerância das religiosas, perpetuamente prejudicadas ao verem desvirtuadas as suas leis de arquitectura.

De entre os documentos consultados, é o manuscrito da irmã Maria do Carmo o único que refere claramente os desvios arquitectónicos à regra. Segundo a autora, não era o real mosteiro próprio do espírito descalço das carmelitas. A inobservância da regra é flagrante, desde logo, pela edificação de uma mansão grandiosa, com inúmeras dependências e janelas para a rua, que imediatamente inviabilizam princípios fundamentais como pobreza, humildade e retiro das grandezas mundanas¹². Sobre este assunto, St.^a Teresa diz que (...) *pouca influência têm os edifícios e as comodidades para a vida interior! Por amor de Deus vos peço, irmãs e padres meus, que nunca deixeis de ser muito moderados nisto de casas grandes e sumptuosas. (...) Por grande que seja, que proveito temos nós? Pois só gozamos de uma cela toda a vida, que o convento seja mui grande e lavrado que mais nos importa?*¹³

Segundo a irmã Maria do Carmo, não foi intenção da rainha introduzir tais alterações à regra, pois terá mesmo referido não se tratar de um convento próprio para carmelitas. Todavia, perante tal posição, os encarregados da obra terão replicado que uma rainha não podia fazer por menos, tornando exequível a ideia de que a sua condição de edifício com patrocínio régio permitia prescindir da austeridade e rigor consagrados por St.^a Teresa.

A madre priora ter-se-á empenhado em impor à comunidade a mais perfeita observância das leis carmelitas. Uma das primeiras medidas tomadas, após a entrada no convento, prende-se exactamente com a disposição espacial de algumas dependências. Vendo que o noviciado e respectiva capela haviam sido edificadas em posição pouco arejada e susceptível de distrações

deixou-o para sempre inutilizado. Foi, por isso, instalado no extremo do corredor das celas das religiosas, dividido por um tabique, com oito celas e uma capela¹⁴. Era, segundo Maria do Carmo, *um cantinho do céu*, porque mesmo que a noviça fosse à janela da sua cela não era vista nem via ninguém. Conforme relata, era apenas possível observar o céu, o campo, as árvores e a água de um tanque com peixes coloridos existente nos terrenos da cerca¹⁵.

Arquitetura e percursos funcionais

O Convento do Santíssimo Coração de Jesus foi submetido a uma alteração completa de funções que marcou profundamente as suas características tipológicas e estrutura funcional. As intervenções realizadas, fruto das necessidades de adaptação e modernização das instalações, estão dissociadas das antigas funções dos espaços, constituindo um obstáculo à análise da arquitectura conventual bem como à identificação das suas dependências¹⁶.

Para dificultar o reconhecimento dos principais circuitos do antigo cenóbio contribuiu, ainda, a fragmentação do conjunto, tal como as divisões acrescentadas e o mau estado de alguns compartimentos. Os percursos constituintes do edifício foram absolutamente alterados e esquarterados, restando tímidos vestígios do que eram as ligações essenciais da vida comunitária. Interrompendo a leitura de continuidade espacial, chega mesmo a verificar-se o corte de laços orgânicos entre dependências aparentemente indissociáveis, como por exemplo, refeitório e cozinha ou igreja e convento¹⁷.

Exterior

Localizado contiguamente ao lado oeste da fachada da basílica, o Convento do Santíssimo Coração de Jesus apresenta planta em U, composta por quatro alas volumetricamente paralelepípedicas – correspondentes aos alçados oeste, norte e sul, que se ligam com um outro incorporado na igreja¹⁸.

Com uma organização marcadamente horizontal, a sobriedade dos alçados não está em consonância com a regra carmelita que estabelece que as janelas sejam todas viradas para o interior da clausura e nunca para a rua. Caracterizados por um profundo despojamento decorativo, são, segundo Ayres de Carvalho, totalmente despidos de *quaisquer arrebitos ou decoração*¹⁹, quase como uma *caserna de soldados ou hospital (...) uma pobreza de Carmelita descalço, ou então só com umas humildes sandálias*²⁰, expressão depreciativa que não contempla a inconveniência de tais rasgamentos. Por esse motivo, e segundo a irmã Maria do Carmo, as freiras, com verdadeiro espírito carmelita, mantinham as janelas sempre trancadas²¹.

Quanto à hierarquia destes alçados, se considerarmos que em tempos de clausura o alçado norte – actualmente o mais desta-



①—Vista geral sobre o alçado oeste do convento.

cado e com um dos acessos ao interior – nem porta apresentava, concluiremos da impossibilidade de funcionar como frontaria do edifício²². Com naturais condições de disposição, o alçado oeste, voltado para o jardim, assume-se como a fachada principal, preconizando uma marca tipológica dos conventos de clausura: projectado para o interior da cerca, proporcionava uma vivência íntima e recatada, que não pretendia agradar ao transeunte mas servir as suas ocupantes.

Interior

A compartimentação interna do convento organiza-se em quatro alas, distribuídas em torno dos dois claustros que perfuram o edifício centralmente. Demarcadas por extensos corredores longitudinais de circulação, estas alas definem eixos paralelos e perpendiculares ao alçado principal. A articulação entre andares é realizada por escadas nas alas norte, sul e oeste destacando-se, pela sua monumentalidade, a escadaria norte, que se desenvolve em dois lanços rectos com patamar intermédio.

Merecem especial referência, pelo seu desempenho estrutural num edifício cenobítico: os claustros, o coro-baixo e o antecoro, ao centro da edificação; a portaria, o parlatório, o refeitório, o coro-alto e a capela, na ala norte; e ainda a cozinha, a sala do capítulo, as celas, as noviciarias, a sala do presépio e a enfermaria, na ala oeste.

a) Claustros

O claustro, elemento funcional que visa factores de iluminação, arejamento e higiene, é uma das partes mais características dos conventos. A regra carmelita não define especificamente a sua localização, todavia, constituindo-se como o núcleo das principais dependências, revela-se como local privilegiado de retiro e

organização das comunidades, simbolizando, por um lado, o isolamento e, por outro, o ponto fulcral das horas de recreação. Os claustros da Estrela, abertos centralmente na massa do edifício, abrangem dois pisos e são separados pelo coro-baixo e antecoro. De planta quadrada, cada uma das alas que os constitui é composta por cinco módulos separados entre si por pilastras. Ao nível do piso térreo desenvolve-se arcaria de volta perfeita, registando-se, no 1.º andar, galeria sustentada por pilares e guarnecida por balaustrada de cantaria.

As quadras, estruturadas por dois eixos convergentes, são pontuadas ao centro por uma fonte de cantaria. De remate bulboso, apresenta tanque quadrangular de faces côncavas e arca de água em urna prismática, assente em pedestal, com faces emolduradas e decoradas ao centro por uma concha. A água, oriunda da cerca, era libertada através de bicas ornamentadas por mascarões nos ângulos da arca, rematados inferiormente por uma borla.

b) Coro-baixo, antecoro e coro-alto

O coro assume particular importância para as carmelitas descalças, que à oração dedicam grande parte das horas diárias. A sua função como espaço separado, a partir do qual as religiosas assistiam aos ofícios divinos, era apenas um dos objectivos possíveis²³. Utilizado a várias horas do dia e da noite, independentemente de estar ou não em uso a basílica, destinava-se também à realização de actividades conjuntas designadamente exames de consciência, disciplinas e orações, bem como a exortações e outras práticas espirituais²⁴.

Convertido, depois de 1834, em Capela do Senhor dos Passos, o coro-baixo da Estrela funcionou como capela provisória até à altura da sagração do templo²⁵, passando posteriormente a ser desse local que as freiras, através de grades, participavam nas celebrações sem serem vistas pelos leigos.

De duplo pé-direito, o coro-baixo e o antecoro, dependências intercomunicantes e contíguas ao transepto da igreja, apresentam planta rectangular, pavimento de madeira e cobertura em abóbada

de berço perfurada por lunetas. Com superfície murária revestida por lambris de azulejos policromos de feição neoclássica, destaca-se: no coro-alto, retábulo com embutidos marmóreos encimado por pintura alusiva à *Devoção do Coração de Jesus* e tecto decorado com ornatos de estuque relevado envolvendo nove medalhões pintados dos quais, no central, figura a *Descida do Espírito St.º Sobre os Apóstolos*; no antecoro, retábulo de madeira marmoreada coroado por elementos escultóricos e tecto com estuques relevados emoldurando três medalhões pintados dos quais, o central, representa a *Transfixação de St.ª Teresa*.

À semelhança do que genericamente se verifica noutros conventos de carmelitas descalças, o coro-alto da Estrela foi edificado sobre a porta axial da igreja e galilé de acesso ao templo, encontrando-se, por isso, no mesmo plano das celas²⁶. De planta rectangular, é composto por varanda central ladeada por outras duas de menores dimensões, guarnecidas por malheiro de ferro forjado. Salienta-se no muro N. a presença de um órgão com ornamentação entalhada, de feição neoclássica, da autoria de Amónio Xavier Machado e Cerveira (1756-1828)²⁷.

c) Portaria e parlatório

A única porta de acesso ao antigo convento, localizada numa zona afastada da clausura, destinava-se unicamente à entrada de objectos cujo volume não passasse pela roda²⁸. A roda, um dos elementos mais característicos desta zona conventual, tinha a função primordial de fazer chegar às religiosas todos os bens necessários à sua subsistência.

A portaria do convento do Santíssimo Coração de Jesus, no extremo oeste da galilé da basílica, apresenta planta rectangular, pavimento de mármore e cobertura em abóbada de berço, efectuando-se a iluminação por duas janelas de verga recta, fechadas com malheiro de ferro forjado. Com superfície murária decorada por lambris azulejares, regista-se, no muro sul, a presença de porta falsa (onde se incorpora a roda) assinalada por duas pilastras sobrepujadas por frontão policêntrico. Na mesma parede rasga-se um vão de acesso ao corredor da ala este, em



1—Antigo coro-baixo, actual Capela do Senhor dos Passos.



2—Antecoro.



3—Roda, Portaria.

arco de volta inteira, com intradorso decorado por ornatos de estuque e pintura de marmoreados.

O parlatório, primeiro espaço integrado na zona de clausura, constitui-se como a única dependência conventual, prevista na regra, para o estabelecimento de contactos com o exterior. Servindo sobretudo para falar com pessoas de fora, as religiosas deviam manter o véu posto e a grade fechada²⁹, sempre na presença de uma escuta – a denominada terceira – em posição de ouvir a conversa mas sem ser vista pelo visitante.

Seguindo o que a regra determina, o parlatório do convento da Estrela comunicava com a portaria através de um vão preenchido por grade de ferro. De planta quadrada, o espaço é iluminado por duas janelas de verga recta rasgadas no muro norte. Exibe decoração murária em lambris azulejares policromos, registando-se a sul duas portas de acesso ao corredor da ala norte.

d) Refeitório e cozinha

O refeitório, um dos espaços por excelência da vida comunitária, destinava-se não só às refeições em conjunto³⁰, mas servia também para dar disciplinas às religiosas³¹. No seu interior tudo devia estar disposto de forma a recordar a pobreza professada no carmelo, designadamente através do reduzido número de mesas que podia albergar, estabelecendo a regra que durante toda a refeição as freiras ouvissem a Sagrada Escritura, dispostas comodamente onde tal se pudesse observar³².

Localizado no extremo oeste da ala norte, destaca-se das restantes salas pela sua vastidão. De planta rectangular, apresenta cobertura em abóbada de berço perfurada por quatro janelas de verga recta. Toda a dependência é contornada por lambris azulejares policromos de feição rococó, bem como coxia de madeira³³ e bancos fixos do mesmo material. Adossado ao muro sul, regista-se a presença de púlpito em cantaria, ao qual se acede por meio de escada rasgada na espessura da parede. No mesmo alçado, observa-se ainda abertura de



7—Muro oeste da cozinha.

ligação à cozinha e no muro oeste, porta de verga recta de acesso à copa.

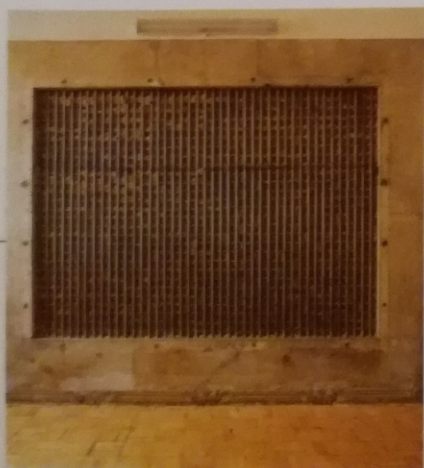
A cozinha, actualmente separada do refeitório e copa, é directamente servida por dependências auxiliares, designadamente casa de lavagens (com mesas de mármore e pias de pedra), compartimento do forno e despensa. De planta rectangular e cobertura em abóbada de berço perfurada por três janelas de verga recta, o espaço é particularmente notável pelo seu revestimento, integralmente de azulejos artesanais brancos com tonalidades variadas, avivado em todas as arestas por um friso de óvulos azuis que dinamizam e realçam a estrutura arquitectónica, também acentuada pelo emolduramento de todos os vãos com azulejos marmoreados.

e) Sala do capítulo e capela

Quanto à sala do capítulo, a regra carmelita não define a sua localização, referindo apenas que haverá para isso um local destinado. Geralmente em amplos salões abobadados, era neste espaço que as religiosas se reuniam após o sinal dado pela campainha da comunidade³⁴.

A dependência onde terá funcionado a sala do capítulo, apresenta planta rectangular e cobertura abobadada, destacando-se das restantes salas desta ala pela sua componente ornamental, designadamente ao nível do tecto, animado por apontamentos de estuque relevado segundo uma gramática decorativa vegetalista.

Na prumada da portaria encontra-se uma capela que, pela sua localização ao nível das celas, supomos ter-se destinado à realização da missa matinal. Segundo a regra, deveria edificar-se (...) *hum Oratorio no meio das cellas com a commodidade que for possível, no qual deveis juntar-vos*



8—Grade. Parlatório.



9—Púlpito. Refeitório.

*todos os dias de manhã para ouvir a solemnidade das Missas, onde isto commodamente se puder fazer.*³⁵

De planta rectangular e cobertura em abóbada de berço, apresenta superfície murária revestida por lambris de azulejos monocromos com cercaduras policromas de cariz rococó. No muro oeste destaca-se retábulo com embutidos marmóreos, análogo ao do coro-baixo, encimado por frontão e nicho central composto por tela com pintura alusiva ao *Santíssimo Coração de Jesus*. Destacam-se, na decoração do tecto, ornatos de estuque relevado emoldurando o medalhão central com a representação do Santíssimo Coração de Jesus.

f) Celas e noviciarias

As celas, num total de dezasseis, encontram-se alinhadas segundo um eixo longitudinal, apresentando planta quadrada e janela rectangular de verga recta. Devendo ser individuais, destinavam-se ao trabalho e ao retiro, constituindo o espaço mais íntimo e particular de cada religiosa³⁶. Quanto ao seu interior, a regra estabelece algumas normas, genericamente associadas aos princípios de pobreza e desprendimento dos valores mundanos. Não era permitida qualquer espécie de ornamentação, designadamente imagens de vulto pintadas, mas apenas estampas negras de papel, nem tão pouco qualquer objecto de valorização pessoal, concretamente espelhos. Não podendo reflectir conforto algum, impõe a regra que as celas não ostentem alcatifas, tapetes, almofadas de estrado e cortinados, mas apenas uma anteporta em tecido de pouco valor. As camas não podiam ter colchões, mas enxergões de palha e as almofadas e lençóis deviam ser de estamemha, excepto as das enfermas que podiam usar linho³⁷.

As noviciarias assumem geralmente um papel de destaque nos complexos conventuais devido à especificidade dos seus requisitos, inerentes à entrada de novos membros e respectiva preparação. Todavia tal não se verificou na Estrela uma vez que o noviciado foi inicialmente instalado em posição pouco favorável à vivência da comunidade. Por esse motivo, passou a encontrar-se no extremo do corredor das celas das professoras, ao que supomos na ala sul do edifício³⁸. Com oito celas e uma capela consagrada a Jesus, Maria e José³⁹, encontrava-se separado por meio de um tabique⁴⁰ que, segundo Maria do Carmo, impedia que as noviças ouvissem o que se passava em casa das professoras e nas oficinas, providência cautelosa e de acordo com a regra que estabelece que tais dependências estejam isoladas das restantes⁴¹.

g) Enfermaria e sala do presépio

No lado este do corredor das celas, encontra-se um conjunto de outras dependências, iluminadas pelas galerias dos claustros, das quais se destaca a enfermaria e a sala do presépio.

A enfermaria, por razões inerentes ao seu desempenho, deveria ser um espaço amplo e arejado, com botica anexa e localizada

numa das partes mais soalheiras do edifício. O espaço que terá tido tais funções, apresenta planta rectangular, pavimento de mármore e cobertura em abóbada de berço, efectuando-se a iluminação por duas janelas de verga segmentar viradas a este. Com panos de muro em reboco pintado, apresenta alto rodapé de azulejos artesanais brancos, registando-se a oeste duas portas de passagem para o corredor das celas e a sul porta de acesso à hipotética botica.

Ao novo convento não faltava o característico presépio, que ganharia fama por ser o maior que até então se tinha modelado: *Maior que o da Estrela só o que se armava em Belém que até metia figuras ao natural*⁴². Actualmente guardado numa das sacristias da igreja, permanece todavia intacta a dependência que o encerrou em tempos conventuais. A sala do presépio, de planta rectangular e pavimento com embutidos de madeiras exóticas, apresenta cobertura em tecto plano – perfurado ao centro por clarabóia –, sendo iluminada por duas janelas de verga curva. As paredes exibem painéis figurativos de azulejos monocromos com cercaduras policromas de concheados⁴³, sendo o restante pano de muro integralmente decorado por pintura de marmoreados com molduras de estuque relevado. De realçar, na ornamentação do tecto e sanca, painéis igualmente marmoreados, avivados por enquadramentos de estuque de feição rococó. Como tivemos oportunidade de inferir, as imposições da vida religiosa revelaram-se determinantes para a composição geral dos edifícios, funcionando como elementos de distribuição e organização dos espaços. Com efeito, o espírito reformador e purista das religiosas reflectia-se na estrutura interna dos conventos pela abundância de zonas de recolhimento, locais individuais de trabalho e, sobretudo, pela sua sobriedade geral. Paralelamente, era fundamental a separação entre a clausura e o exterior, conducente a um mundo íntimo e silencioso, disciplinado por exortações, penitências e mortificações. Muros altos, paredes grossas, alçados com o mínimo de rasgamentos, portaria e parlatório, constituíam-se verdadeiramente como barreiras e reforços da arquitectura, afirmando-se como traços caracte-



—Sala do Presépio.

ísticos e determinantes da tipologia conventual das carmelitas descalças.

No Convento do Santíssimo Coração de Jesus, tais opções arquitectónicas, ainda que pontualmente observadas, foram na generalidade violadas, quebrando princípios elementares de clausura e pobreza, fundamentais para a sua definição tipológica. Condenado à partida pela condição de edifício com patrocínio régio, o Convento da Estrela assume-se como o reflexo de valores

indissociados das premissas da regra, conforme seria suposto pela sua condição de edifício para carmelitas descalças, afastando-se claramente, não só na forma mas também na intenção, dos princípios teresianos.

Sandra Ferreira Costa

Investigadora

IADE

Imagens: Abertura a 6. DGEMN. José Pedro Abaim Borges, 2002.

7. Autora;

8. DGEMN. Daniel Muihães, 2002.

NOTAS

O presente texto tem por base um estudo de âmbito curricular, desenvolvido no contexto do mestrado em História da Arte, apresentado à Universidade Lusitana de Lisboa.

¹ Wolfgang BRAUNFELS – *Monasteries of Western Europe*. Londres: Thames and Hudson, 1993, p. 8.

² Cf. Kees WAAJUMAN – *A Identidade Carmelita Desde a Perspectiva da Regra*. *Carmelo Lusitana*, 1984, nº 12, p. 13.

³ Wolfgang BRAUNFELS – op. cit., p. 10.

⁴ A Irmã Maria do Carmo do Coração de Jesus entrou para o convento da Estrela como organista da comunidade tendo iniciado em 1896 o manuscrito *Carmelitas da Estrela: Virtudes Ignoradas e Outras Narrações*, transcrita e publicada por J. da Costa Lima em 1945; Cf. Maria do Carmo do CORAÇÃO DE JESUS – *Carmelitas da Estrela: Virtudes Ignoradas e Outras Narrações*. Lisboa: s.ed., 1945, p. 22.

⁵ Cf. Fortunato de ALMEIDA – *História da Igreja em Portugal*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1968, Vol. III, pp. 95-96.

⁶ Segundo a regra, *Não professorá também Novícia alguma, sem que o Convento receba effectivamente o dote [...]; Regra Primitiva e Constituições das Religiosas Descalças da Ordem da Gloriosíssima Virgem Maria do Monte do Carmo*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1791, p. 25.

⁷ IAN/TT, *Chancelaria de D. Maria I*, Livro 10, fl. 147 v.

⁸ *Os Conventos das nossas Religiosas não se edificarão curiosamente, excepto a Igreja, conforme as plantas aprovadas pelos architectos da nossa Ordem, e não de outra maneira [...]. As plantas dos Conventos das nossas Religiosas serão aprovadas pelo Definitorio.* *Regra Primitiva [...]*, pp. 128-129.

⁹ Cf. Manuel Pereira CIDADE – *Memórias da Basílica da Estrela*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1926, p. 160.

¹⁰ IDEM – *Ibidem*, p. 15.

Note-se que, hierarquicamente, tal aprovação passou pela autoridade máxima da ordem. Estando as carmelitas descalças sujeitas ao governo temporal e espiritual de um prelado, este encontrava-se por sua vez sob a autoridade dos definidores e do prior geral.

¹¹ Cf. Maria do Carmo do CORAÇÃO DE JESUS – op. cit., p. 17.

¹² O espírito reformador e purista das religiosas repercutiu-se na estrutura dos conventos lisboetas anteriores à Estrela, que se pautam pela abundância de zonas de recolhimento e locais individuais de trabalho, estabelecendo uma clara separação com o mundo exterior, propícia à oração e recolhimento. A título de exemplo, referimus o convento de Santo Alberto, [...] que no material [era] muyto pobre e limitado, mas pella sanctidade de suas moradores [era] tam rico de perfyçam que a fama delle lhe grangeou [...] grande estimaçam por toda o cidade [...]; *História dos Mosteiros, Conventos e Casas*

Religiosas de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972, Vol. II, p. 378.

¹³ Srª Teresa de JESUS – *Fundações*. Obras Completas. Oeiras: Edições Carmelo, s.d., p. 1053.

¹⁴ No manuscrito da Irmã Maria do Carmo, a medida indicada para o distanciamento entre o tabique e as celas das professoras é meio passo, que corresponde a 1 pé e 1/4, ou seja sensivelmente 41,25 cm.; Cf. Rafael BLUTEAU – *Passo. Vocabulário Portuguez Et Latino*. Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, 1720, Vol. VI, p. 309; Cf. também Rui Manuel Maneira CUNHA – *As Medidas como Elemento Caracterizador da Arquitectura, entre os Séculos XIII e XVIII com Base na Vila de Monsaraz*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura de Lisboa – Universidade Técnica, 1997, p. 82 (Dissertação de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos).

¹⁵ Cf. Maria do Carmo do CORAÇÃO DE JESUS – op. cit., p. 23.

¹⁶ A incompreensão da estrutura funcional dos conventos carmelitas é confirmada não só pelas transformações realizadas nos edifícios mas também pelos comentários depreciativos que alguns autores teceram sobre o assunto. O *Commercio de Portugal* publica, no final do século XIX, um conjunto de cartas anónimas, respeitantes ao convento de Santo Alberto, onde se pode ler: *O interior do convento está dividido em mesquinhas cellas, refeitório pequenissimo, pessima cozinha, pequenas salas, e os pavimentos em diversos niveis; é um verdadeira labyrinth. A propósito do coro-alto diz o autor que devia [...] ha muito estar desmanchado: la teem o verdadeiro côro com um soffivel argão. O côro tem bastante espaço para uma orchestra, o que precisa é tirar-lhe as grades [...]; A Reforma do Carmo e a Igreja e Convento das Albertas – Collecção de Cartas Publicadas na Commercio de Portugal*. Lisboa: Tipografia da Escadinhas de Santa Justa, 1891, pp. 1-2.

¹⁷ De entre os edifícios de carmelitas descalças existentes em Lisboa, o convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais constitui-se como um dos raros exemplos onde a vida religiosa não foi interrompida, chegando a sua estrutura arquitectónica quase intacta aos nossos dias.

¹⁸ Nos ângulos NO. e SO. destacam-se em altura dois torreões de planta rectangular, solução não detectada nos complexos conventuais lisboetas anteriores à Estrela. Verificou-se no entanto que, o convento de carmelitas descalças de S. João Evangelista em Aveiro, apresenta [...] quatro lanços e flanqueavam-no quatro torreões formando tudo um todo muito regular [...]; *O Edifício do Convento das Carmelitas - Necessidade de a Conservar como Recordação Histórica da Cidade d'Aveiro*. Aveiro: s.ed., 1905, p. 7.

¹⁹ Ayres de CARVALHO – *A Basílica da Estrela no 2º Centenário da sua Fundação*. Lisboa: s. ed., 1979, p. 17.

²⁰ IDEM – *Ibidem*, pp. 17, 21.

²¹ Cf. Maria do Carmo do CORAÇÃO DE JESUS – op. cit., p. 18.

²² Gravuras e desenhos contemporâneos comprovam a inexistência da porta de acesso ao interior.

²³ Uma igreja conventual feminina não era compreendida nem vivida no seu tempo como um espaço único, mas como dois espaços autónomos. Paulo Varela Gomes faz a distinção entre igreja-de-fora e igreja-de-dentro (ou coro), esta última claramente separada do resto da igreja; Cf. Paulo Varela GOMES – *Arquitectura de Mulheres, Mundo de Homens*. Intervenções da DGEMN em Edifícios de Mosteiros Femininos Extintos (1930-1950). *Caminhos do Património*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1999, pp. 85-86.

²⁴ Matinas (têm início às 21 h excepto no Natal e Páscoa), prima, terça, sexta, noa, vésperas (têm início às 12 h e duram 2 horas, excepto nos dias de jejum), completas (têm início após a hora de recreação vespertina). Paralelamente, eram dedicadas 2 horas diárias à oração mental, 15 minutos para exame de consciência duas vezes ao dia e uma hora de lição espiritual; Cf. *Regra Primitiva [...]*, pp. 62-66.

²⁵ Cf. Maria do Carmo do CORAÇÃO DE JESUS – op. cit., p. 22.

²⁶ Segundo Paulo Varela Gomes, entre o final do século XV e a 1ª metade do século XVI, assistiu-se em Portugal à criação de um novo tipo de igreja-de-dentro – o coro-alto, ocasionando a existência de dois coros; Cf. Paulo Varela GOMES – op. cit., p. 92.

²⁷ Em 1885, segundo a descrição do inventário do convento, o coro-alto apresentava ainda um [...] riquíssimo retabulo de talha dourada, [e] duas belas esculturas de madeira com oitenta centímetros d'alto, representado São José e Nossa Senhora [...]; IAN/TT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 1941, fl. 9 v.

²⁸ *Haverá todo o recato possível em abrir a porta regular, não se abrindo em caso algum, sendo para aquellas cousas, que não podem entrar, ou sahir pela roda [...]; Regra Primitiva [...]*, p. 47.

²⁹ Excepto aquando da visita de familiares, prelados superiores e prior do convento; Cf. *Regra Primitiva [...]*, p. 50.

³⁰ *Todas as Religiosas se juntarão a comer no Refeitório commum, o que Deus nosso Senhor lhes der, assistindo, quando lhes for possível, á primeira meza para evitar a confusão de repetidas mezas [...]. As Preladas não permitirão que a Comunidade coma, cêe, ou faça collação fóra do Refeitório, excepto em alguma Pascoa, ou festa solemmissima, e isto muito raras vezes [...]; Regra Primitiva [...]*, pp. 93 e 95.

³¹ *Exhortamos as Preladas, que procurem conservar o louvavel costume, que sempre houve em nossa Ordem, de dar disciplinas ás Religiosas, assim no Capitulo, como no Refeitório [...]; Regra Primitiva [...]*, p. 172.

³² [...] comais todas juntas em Refeitório commum, o que vos for dado, ouvindo sempre

alguma lição da Sagrada Escritura, onde isto commodamente se possa observar; *Regra Primitiva [...]*, p. 4.

³³ Destinada originalmente a assentar três mesas com pés de cantaria e tampo de madeira; Cf. IAN/TT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 1941, fl. 8 v.

³⁴ *Uma vez cada semana, ou em o Domingo, ou em outro dia, haverá Capitulo Conventual, como a Regra determina, a qual se fará ordinariamente no tempo da Oração de manhã [...]. Feito o sinal [...] com a campinha da Comunidade; e juntas as Religiosas no lugar para isto destinado [...]; Regra Primitiva [...]*, p. 163.

³⁵ *Regra Primitiva [...]*, p. 7.

³⁶ *Em todo o tempo que as Religiosas estiverem desoccupadas do serviço da Comunidade, e dos officios do Convento, estará cada huma na sua cela, ou na Ermiada, que a Priora lhe designar, trabalhando, senão for de dia festivo, e guardando neste retiro a solidão, que a Regra determina, quando manda que esteja cada huma por si só na sua cela, ou junto da mesma. Regra Primitiva [...]*, p. 125.

³⁷ Cf. *Regra Primitiva [...]*, pp. 120-121.

Sendo hoje impossível determinar se tais indicações foram seguidas no convento da Estrela, citamos, a título de exemplo, a descrição das celas do convento de Santo Alberto: [...] *nam [tem] cada cella mays larguesa que a bastante pera dar lugar a hum limitado leyto e a huma pequena mesa pera poder escrever quando he necessaria. Os mays moveis e allfays da cella se vem todas a resolver em huma imagem de papel e huma cruz de pao, algum livro spiritual, disciplinas e cilicio e algum instrumento mays de mortificação;* *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, Vol. II, p. 382.

³⁸ [...] *Toda a parte deste pavimento que olha para o sul e parte do poente e occupada pelas celas*, IAN/TT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 1941, fl. 10.

³⁹ Também o antigo noviciado do convento de S. João Evangelista em Aveiro apresentava uma capela sob a invocação de Jesus, Maria e José; Cf. *O Edifício do Convento das Carmelitas [...]*, p. 11.

⁴⁰ Vide nota 14.

⁴¹ *Determinamos que em cada Convento de nossas Religiosas se dispanha a casa do Noviciado, separada do resto do Convento por huma porta, ou cancello com sua chave, de modo que de noite fique a Mestra, ou a sua Ajudante fechada com as Novicias;* *Regra Primitiva [...]*, pp. 40-41.

⁴² Ayres de CARVALHO – op. cit., p. 21.

⁴³ Com representações iconográficas intimamente associadas ao propósito da sala: *Anunciação, Visitação, Natividade, Adoração dos Reis Magos, Apresentação no Templo, Circuncisão e Fuga para o Egipto*.